

Percepções e impactos das ações do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Fundação Cecierj na trajetória acadêmica dos estudantes

Tamires Cavina PESSOA

Natália Oliveira de Souza ARRUDA

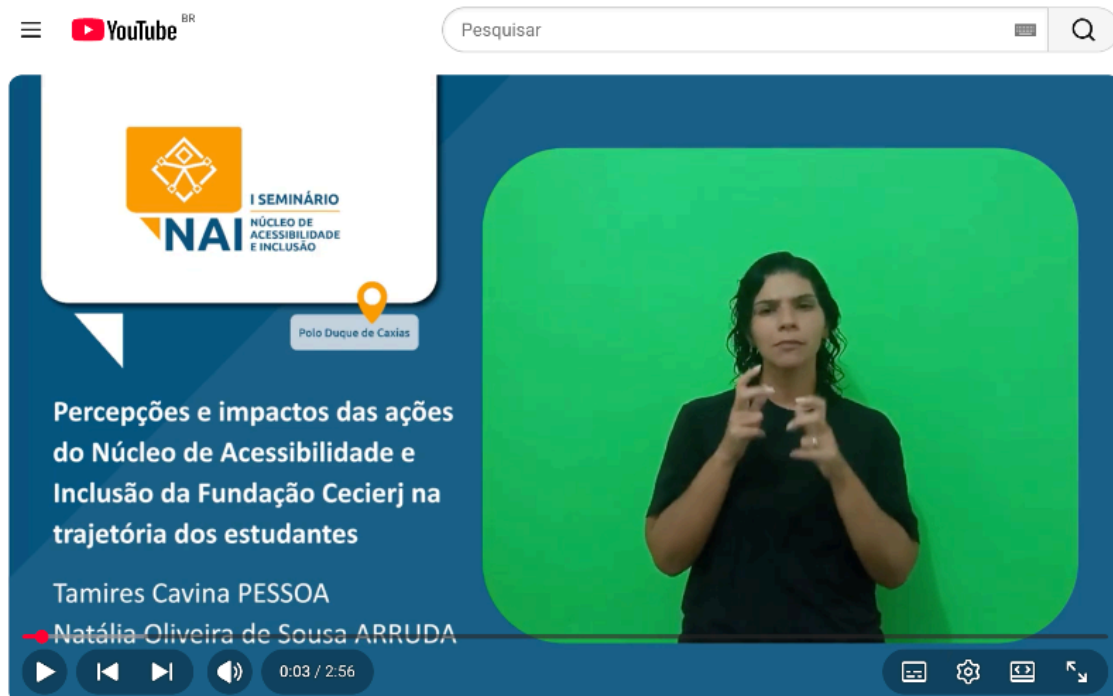
NAI – Núcleo de Acessibilidade e Inclusão
Fundação CECIERJ
Rio de Janeiro, BRASIL

Resumo. Este estudo investigou as percepções de estudantes sobre os atendimentos pedagógicos oferecidos pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da Fundação CECIERJ no contexto do ensino superior a distância, considerando a inclusão como direito garantido pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência e pelo avanço da modalidade EAD no país. A **fundamentação teórica** discute o papel dos núcleos de acessibilidade no ensino superior, o impacto das políticas inclusivas na permanência estudantil e os desafios estruturais da EAD, destacando a importância da escuta e do apoio pedagógico como elementos centrais do processo inclusivo. O **objetivo** deste estudo foi identificar os efeitos das ações do NAI na permanência acadêmica dos estudantes e compreender como seus atendimentos promovem acolhimento, autonomia e inclusão. A **metodologia** adotou abordagem mista, combinando análise qualitativa de conteúdo e categorização quantitativa de 23 relatos espontâneos (“quentinhos”) enviados pelos estudantes entre 2024.2 e 2025.2. Os **resultados** revelaram que o NAI é amplamente reconhecido como espaço de acolhimento, empatia e suporte individualizado, favorecendo a adaptação de materiais, flexibilização de avaliações, mediação institucional e fortalecimento de sentimentos de pertencimento e autonomia, embora persistam desafios relacionados a prazos, burocracias e divulgação. A **conclusão** indica que o NAI desempenha papel essencial na construção de uma cultura inclusiva na educação a distância, mas sua efetividade depende do engajamento coletivo da comunidade acadêmica, reforçando que a inclusão é um processo contínuo, colaborativo e em constante aprimoramento.

Palavras-chave: Inclusão no ensino superior. Permanência Acadêmica. Educação a Distância. Percepção discente.

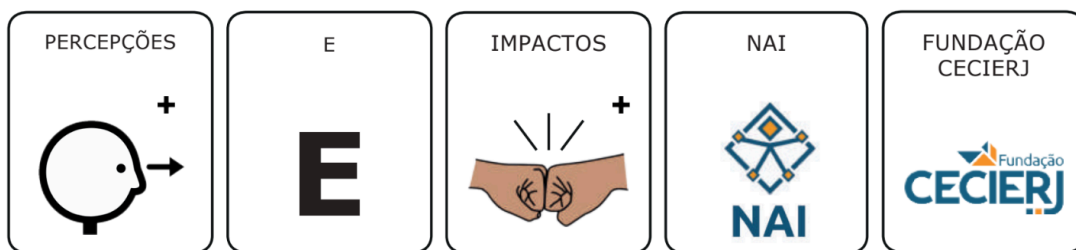
Resumo em Libras

(clique na janela abaixo para acessar o vídeo completo):



Resumo em CAA - Comunicação Aumentativa e Alternativa

(clique na imagem abaixo para acessar o arquivo completo):



Percepções e Impactos das Ações do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Fundação CECIERJ



na Trajetória Acadêmica dos Estudantes

1. Introdução

No ensino superior, a presença de estudantes com deficiência coloca em evidência questões importantes sobre acessibilidade e inclusão, especialmente na Educação a Distância (EAD). Embora o acesso à universidade tenha se ampliado, a mera oferta de vagas não garante que o aluno seja efetivamente incluído e não segregado (VIEIRA E GRADOWSKI , 2019). A educação inclusiva é concebida como uma ação política, social, cultural e pedagógica que exige a transformação das instituições para atender à diversidade de seus estudantes (VIEIRA E GRADOWSKI , 2019). Neste contexto, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI, Lei nº 13.146/2015), estabelece a obrigatoriedade de as instituições de ensino assegurarem um sistema educacional inclusivo em todos os níveis (BRASIL, 2015).

Compreender a experiência discente é fundamental para aprimorar políticas de inclusão, permitindo que práticas de acessibilidade sejam continuamente avaliadas e ajustadas a partir da escuta das vivências dos próprios estudantes. Nesse cenário, o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da Fundação CECIERJ, criado em 2020, desempenha um papel estratégico na mitigação dos desafios acadêmicos na EAD, oferecendo adaptações de materiais e provas, mediador de apoio e atendimento individualizado (FUNDAÇÃO CECIERJ, 2025).

O problema de pesquisa que orienta este estudo é: como os estudantes atendidos pelo NAI percebem os atendimentos implementados e quais são os impactos dessas medidas em sua permanência e desempenho acadêmico? O objetivo é analisar as percepções e os impactos das ações do NAI na trajetória acadêmica dos estudantes com deficiência, a partir de seus próprios relatos. Para tanto, este estudo se apoia em feedbacks coletados junto aos estudantes, chamados internamente de “quentinhos”.

1.1 Acessibilidade e Inclusão no Ensino Superior

A discussão sobre inclusão no Brasil ganhou força a partir da década de 1990, impulsionada por marcos internacionais como a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994). A legislação brasileira consolidou esse movimento, afirmando o direito à educação em rede regular de ensino para todos. No entanto, os conceitos de integração e inclusão são distintos: enquanto a integração pressupõe a adaptação do aluno à estrutura escolar existente, a inclusão exige a transformação da própria instituição para acolher a diversidade (SOUZA et al 2022).

O ensino superior, historicamente elitista e seletivo, enfrenta desafios para garantir não apenas acesso, mas também permanência e sucesso acadêmico, o que envolve desde adaptações de infraestrutura até mudanças nas práticas pedagógicas e atitudes

institucionais (VIEIRA; GRADOWSKI, 2019). A universidade inclusiva é aquela que promove um sentimento de pertencimento, onde o estudante com deficiência tem acesso a todas as oportunidades sociais, culturais e acadêmicas. Para isso, a atuação de Núcleos de Acessibilidade, como o NAI e outros descritos na literatura (TOMELIN et al., 2018), torna-se central para articular e implementar as políticas de inclusão.

1.2 A Perspectiva de Michel Foucault sobre Discurso e Poder

Para analisar as percepções dos estudantes, este estudo utiliza as ferramentas teóricas de Michel Foucault. Foucault concebe o discurso não como um simples conjunto de palavras, mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falamos (KROETZ et al 2018). O discurso não apenas reflete a realidade, mas a produz, estando intrinsecamente ligado a relações de poder e saber. Para o autor, o discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10).

A produção de discursos em qualquer sociedade é controlada para gerenciar seus "poderes e perigos". Esse controle ocorre por meio do que ele chama de "procedimentos de exclusão" (FOUCAULT, 1996; KROETZ et al 2018). Entre os principais, destacam-se o interdito (aquilo que é proibido dizer), a separação entre razão e loucura e, especialmente, a "vontade de verdade". Esta última não é apenas um desejo pela verdade, mas um sistema histórico e institucional que estabelece a divisão entre o discurso considerado "verdadeiro" e aquele julgado "falso", legitimando certos saberes e excluindo outros (FOUCAULT, 1996). Ao analisar os relatos dos estudantes, este estudo os considera como enunciados que integram uma formação discursiva sobre a inclusão. Desse modo, esses discursos não apenas descrevem uma realidade, mas ativamente produzem "verdades" sobre o que significa ser um estudante com deficiência, sobre o papel do NAI e sobre o que constitui uma instituição verdadeiramente inclusiva.

2. Metodologia

A pesquisa adotou uma abordagem mista, combinando procedimentos qualitativos e quantitativos. O eixo qualitativo fundamenta-se na análise do discurso dos estudantes, orientada pela perspectiva foucaultiana, segundo a qual os discursos não apenas expressam experiências individuais, mas também produzem saberes e verdades no âmbito institucional (FOUCAULT, 1996; KROETZ et al, 2018). Já a dimensão quantitativa está presente na categorização e quantificação dos relatos, o que possibilitou identificar tendências e recorrências nas percepções discentes, em consonância com abordagens metodológicas de pesquisa em educação (KROETZ et al, 2018).

O corpus da pesquisa incluiu 23 relatos espontâneos de estudantes com deficiência atendidos pelo NAI, referentes aos semestres 2024.2, 2025.1 e 2025.2. Os “quentinhos” consistem em mensagens enviadas por e-mail, predominantemente com expressões de agradecimento e reconhecimento ao atendimento recebido. A seleção desse material foi realizada por meio de busca nos arquivos de e-mails e pastas internas do NAI, utilizando como palavras-chave “obrigada(o)” e “agradeço”. Ressalta-se que, por se tratarem de mensagens de gratidão, os relatos possuem viés positivo, aspecto que foi considerado na interpretação dos resultados.

Para fins analíticos, os relatos foram organizados em três categorias alinhadas ao referencial foucaultiano:

1. **Acolhimento e pertencimento** – evidenciando atenção, empatia e suporte humano;
2. **Impacto das adaptações e atendimentos** – mencionando materiais acessíveis, provas adaptadas e recursos pedagógicos;
3. **Desafios e tensões institucionais** – apontando questões relacionadas a prazos, burocracia e comunicação.

Na dimensão quantitativa, contabilizaram-se 10 relatos na categoria acolhimento e pertencimento, 9 em impacto das adaptações e atendimentos e 4 em desafios e tensões institucionais. Essa categorização permitiu identificar padrões nas percepções dos estudantes, evidenciando tanto os aspectos efetivos das ações do NAI quanto pontos que demandam aprimoramento.

3. Resultados e Discussão

A análise dos 23 relatos coletados evidenciou percepções variadas dos estudantes sobre o atendimento oferecido pelo NAI. Embora os registros sejam positivos, por se tratarem de mensagens de agradecimento, foi possível identificar dimensões distintas que revelam tanto os efeitos das práticas de acolhimento e adaptação quanto as tensões institucionais ainda presentes. Três categorias foram construídas: (1) acolhimento e pertencimento, (2) impacto das adaptações e atendimentos e (3) desafios e tensões institucionais, que serão discutidas à luz do referencial foucaultiano e do debate atual sobre inclusão no ensino superior. Contudo, uma leitura mais aprofundada mostra que essas categorias frequentemente se sobrepõem e mobilizam uma gama de sentimentos que extrapola a classificação inicial.

3.1 Acolhimento e Pertencimento: Um Contradiscorso à Exclusão

Dez relatos destacaram a importância do acolhimento e da empatia. Um estudante afirmou: “Me senti muito acolhida com a mensagem, e é reconfortante saber que posso contar com esse apoio tão humano e respeitoso” (Quentinho 18, 2025). Outro registrou: “Agradeço a paciência e compreensão. Por serem cheios de amor” (Quentinho 1, 2024).

As falas analisadas revelam que a inclusão vai além de ajustes técnicos, abrangendo dimensões afetivas que fortalecem o sentimento de pertencimento. O acolhimento assume papel central, especialmente diante dos relatos de estudantes com deficiência que mencionam sentimentos de vergonha ou dificuldades em reivindicar seus direitos, fatores que podem comprometer a permanência acadêmica (SOUZA et al., 2022). Sob a perspectiva foucaultiana, tais enunciados produzem a verdade do NAI como um espaço de humanização, funcionando como um contradiscorso que resiste às lógicas excludentes e à impessoalidade burocrática das instituições (FOUCAULT, 1996). Paralelamente, emergem sentimentos de esperança, motivação, orgulho e confiança no futuro acadêmico, como no caso do estudante que deseja ser o primeiro autista formado em seu curso ou da estudante que, após a experiência de acolhimento, decidiu candidatar-se ao mestrado. Dessa forma, o acolhimento não apenas legitima a presença discente, mas amplia horizontes, evidenciando a estreita relação entre suporte emocional e permanência acadêmica. O NAI, nesse contexto, exerce um poder que não oprime, mas legitima, mostrando como a inclusão pode ser mediada por relações de poder positivas, fundamentadas no respeito à diversidade e no reconhecimento da individualidade.

3.2 Impacto das Adaptações: Tecnologias de Poder para a Inclusão

Nove relatos mencionaram os efeitos diretos das adaptações pedagógicas. Um estudante destacou: “Realizei a AP2 em sala separada [...] e consegui ser aprovada na disciplina finalmente” (Quentinho 11, 2024). Outro enfatizou: “Meus cadernos didáticos ampliados em A3 estavam em harmonia com minhas necessidades” (Quentinho 2, 2024).

Esses registros indicam que materiais acessíveis e provas adaptadas igualam as condições de aprendizagem, sendo essenciais para garantir a permanência dos estudantes, muitas vezes mais desafiadora que o acesso ao ensino superior (MOREIRA et al., 2011), mas também a construção de segurança subjetiva e autonomia. Para Foucault, essas adaptações podem ser vistas como tecnologias de poder que permitem ao estudante ingressar na “vontade de verdade” da academia. Elas são práticas que regularizam a participação discente, permitindo que seu desempenho acadêmico seja reconhecido como legítimo dentro das regras institucionais (KROETZ, 2018). O suporte individualizado, portanto, não apenas gera ganhos

objetivos, como aprovação em disciplinas, mas também fortalece a segurança subjetiva e a autonomia dos estudantes, contribuindo para sua confiança acadêmica e engajamento (SOUZA, 2022). Assim, o impacto material e o impacto emocional caminham juntos, e o NAI se consolida como um espaço capaz de transformar obstáculos em oportunidades de sucesso acadêmico.

3.3 Desafios e Tensões Institucionais: Mecanismos Sutis de Exclusão

Quatro relatos, mesmo em tom de agradecimento, apontaram entraves institucionais. Um estudante afirmou: “Se eu soubesse da existência do NAI desde o início [...], minha trajetória na universidade teria sido muito diferente” (Quentinho 11, 2024). Outros mencionaram dificuldades com burocracias e prazos.

Essas falas revelam que, mesmo em uma instituição que promove a inclusão, permanecem dispositivos de exclusão sutis, operando tanto pela falta de informação quanto pela rigidez das regras. Foucault (1996) mostra que a produção do discurso é controlada não apenas por interdições explícitas, mas também por procedimentos de ordenamento e regulação implícitos, o que ajuda a compreender como barreiras pouco visíveis se mantêm no cotidiano acadêmico. Contudo, os relatos não se restringem à crítica: muitas vezes, a denúncia de obstáculos aparece acompanhada de agradecimentos pelo suporte recebido, evidenciando que sentimentos de acolhimento e frustração podem coexistir. Essas sobreposições entre categorias reforçam a necessidade de que a inclusão seja assumida de forma sistêmica por toda a instituição, evitando que núcleos especializados se tornem espaços isolados de compensação sem alterar a cultura institucional

4. Conclusão

Este estudo demonstrou que os atendimentos oferecidos pelo NAI têm impacto positivo e significativo na inclusão, permanência e sucesso acadêmico dos estudantes com deficiência na EAD, conforme suas próprias percepções. O reconhecimento do núcleo como um espaço de acolhimento e suporte eficaz valida suas ações como alinhadas às diretrizes da Lei Brasileira de Inclusão e outras legislações pertinentes.

Os quentinhos analisados evidenciam que os efeitos do NAI não se restringem a adaptações técnicas, mas abrangem dimensões emocionais e identitárias, como confiança, esperança, motivação, orgulho e pertencimento coletivo. Esses sentimentos, aliados aos recursos pedagógicos oferecidos, compõem um quadro que fortalece a retenção estudantil, mostrando que a permanência acadêmica depende tanto de condições materiais quanto de vínculos afetivos e institucionais.

A análise à luz de Foucault revela, entretanto, que a inclusão é um processo complexo, atravessado por discursos e relações de poder. Os desafios relacionados à burocracia, aos ritmos acadêmicos e à comunicação indicam que a cultura institucional como um todo ainda precisa evoluir para se tornar verdadeiramente inclusiva (FOUCAULT, 1996; 2013).

As principais contribuições deste estudo residem na valorização da voz discente e na aplicação de um referencial teórico crítico que permite analisar as dinâmicas de inclusão de forma mais profunda. Com base nos resultados, sugerem-se as seguintes ações e pesquisas futuras:

- Ampliar a divulgação do NAI para que estudantes tenham acesso ao suporte desde o início da trajetória acadêmica;
- Investir na formação contínua de tutores e docentes em práticas pedagógicas inclusivas, compartilhando a responsabilidade pela inclusão;
- Revisar procedimentos administrativos, tornando-os mais flexíveis e reduzindo barreiras burocráticas;
- Desenvolver entrevistas com estudantes que não enviam “quentinhos”, para captar outras dimensões da experiência de inclusão.

O recorte dos ‘quentinhos’ evidencia parte da atuação do NAI na promoção da acessibilidade e da inclusão, garantindo maior equidade no ensino. Ressalta-se que o recorte analisado, correspondente aos dois últimos períodos e ao atual, não reflete toda a complexidade do trabalho do núcleo, que permanece em contínuo processo de aprimoramento, aprendizado e crescimento, reafirmando que a construção de uma universidade inclusiva é uma tarefa coletiva, permanente e em constante transformação.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Aula inaugural proferida ao assumir a cátedra no Collège de France, em 02 de dezembro de 1970. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996

FUNDAÇÃO CECIERJ. **Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI)**. Disponível em: <https://www.cecierj.edu.br/nai/>. Acesso em: 20 set. 2025.

KROETZ, K.; SOUZA, S. C.; FERRARO, J. L. S. **Michel Foucault e a análise do discurso.** In: LIMA, V. M. R.; HARRES, J. B. S.; PAULA, M. C. (Org.). Caminhos da pesquisa qualitativa no campo da educação em ciências: pressupostos, abordagens e possibilidades. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. p. 171-182.

MOREIRA, L. C.; BOLSANELLO, M. A.; SEGER, R. G. **Ingresso e permanência na Universidade: alunos com deficiências em foco.** Educar em Revista, n. 41, p. 125-143, 2011.

SOUZA, F. M.; SEBASTIANY, E. G.; SANFELICE, G. R. **A percepção dos alunos com deficiência sobre a inclusão no ensino superior.** Jornal de Políticas Educacionais, v. 16, 2022.

TOMELIN, K. N. *et al.* **Educação inclusiva no ensino superior: desafios e experiências de um núcleo de apoio discente e docente.** Revista Psicopedagogia, v. 35, n. 106, p. 86-97, 2018.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** Brasília, DF: CORDE, 1994.

VIEIRA, A. M. D. P.; GRADOWSKI, T. **A inclusão no ensino superior: uma reflexão.** Conhecimento & Diversidade, Niterói, v. 11, n. 24, p. 54-72, maio/ago. 2019.